Flores e velas que falam no silêncio: perspectivas

Maíra Cavalcanti Vale

Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1528>

DOI: 10.4000/pontourbe.1528

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica

Maíra Cavalcanti Vale, « Flores e velas que falam no silêncio: perspectivas », *Ponto Urbe* [Online], 5 | 2009, posto online no dia 31 dezembro 2009, consultado o 30 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/1528> ; DOI : 10.4000/pontourbe.1528

Este documento foi criado de forma automática no dia 30 Abril 2019.

© NAU

Flores e velas que falam no silêncio: perspectivas

Maíra Cavalcanti Vale

Gostaria de agradecer aos componentes da mesa do Graduação em Campo, Bianca Alves Silveira, Felipe Bier Nogueira, Ludmila Raquel Tavares da Silva e Raquel Basilone Ribeiro de Ávila, e ao debatedor Adalton Marques, assim como aos amigos que compõem o GESTA pelos comentários e sugestões que muito me ajudaram nesta revisão do artigo. Em especial, quero agradecer aos amigos e companheiros de vida e academia, Eduardo Nunes, Frederico Viana, Luísa Molina e Sara Moraes, que comentaram e discutiram o texto; ao Du e à Sara, pela ajuda e sugestões quanto ao título; e à Luísa pelas fotos que expressaram muito bem a forma como nos inserimos no campo neste último Dia Finados. Agradeço, por fim, à Antonádia Borges pelo apoio de sempre.

- 1 A presente pesquisa começou no mês de agosto de 2007, como um Projeto de Iniciação Científica (PIC) do CNPq vinculado à UnB, sob o título “Invasões e Remoções: uma perspectiva etnográfica comparada acerca dos movimentos urbanos de luta pela terra no Brasil e África do Sul (com especial atenção ao caso das *Burial Societies*)”, inserido no contexto maior da pesquisa da orientadora Dra. Antonádia Borges, que vem sendo desenvolvida há dois anos na África do Sul. O objetivo inicial era realizar uma análise bibliográfica concernente ao campo da professora: as lutas por terras na África do Sul e as novas dinâmicas que envolvem rituais funerários como bandeiras e documentos nas restituições de terras naquele país. No entanto, logo em seguida, iniciei a disciplina Métodos e Técnicas em Antropologia Social e precisei definir um local de observação. Escolhi, então, o cemitério Campo da Esperança¹, onde iniciei a coleta de dados que resultou no trabalho final da matéria: um ensaio sobre o Dia de Finados. A escolha do tema de pesquisa (a morte e como as pessoas lidam com ela) foi anterior à de um *locus* de observação, o que acabou trazendo certas dificuldades para a escolha de um campo específico somadas à problemática de se ‘sentir’ em campo ao observar o cemitério.
- 2 Nestes quase três anos de curso², desde a disciplina de Introdução à Antropologia aprendemos que é preciso *estranhar* para entender. Decidir estudar a morte trouxe-me várias dificuldades. O fato de estar no cemitério e me colocar como pesquisadora me assustava e incomodava: como observar os outros, diferentes a cada dia, num momento

tão delicado? Como fazer pesquisa em antropologia sem ter, no entanto, um espaço para o trabalho de campo? Tais dúvidas e cobranças me fizeram refletir acerca da própria antropologia e desses ‘primeiros passos’ que nos são ensinados ao longo do curso de graduação. Textos que falam do estranhamento do familiar e da familiarização do exótico, de grupos fechados que possuem as mesmas categorias e características despertam para a reflexão acerca dos pressupostos deste distanciamento necessário para o entendimento do outro, já que familiarização tem a ver com o movimento de aceitar diferentes formas sociais, independentemente de um envolvimento. Qual o caráter desta disciplina **científica** e em que se ancoram seus **métodos**?

- 3 Aprendemos que para fazer pesquisa necessitamos de métodos legitimados pela academia, precisamos ler vários autores para ter autoridade ao escrever e que o trabalho escrito final deve estar o mais próximo possível do ‘real’. Em nome da cientificidade de nossos projetos, da necessidade de legitimar nossa pesquisa como realizada através de métodos empíricos instituídos, perdemos em entrevistas e recortes que acabam, muitas vezes, desconsiderando o que os próprios ‘nativos’ têm a dizer. Deixamos de lado, excluindo da pesquisa etnográfica, o que outras esferas da vida, outras formas de interpretação e conhecimento nos mostraram e que, em nome da racionalidade, do estranhamento e do distanciamento, não vimos. Esta necessidade de distanciamento e de cientificidade faz com que tomemos aquilo que nossos ‘objetos’ têm de **social**.
- 4 Ao lidar com outros grupos e outras formas de comunicação, muitos foram os antropólogos que apontaram para as dificuldades do nosso sistema de explicação, que é incapaz de apanhar a ‘segunda lança’ tão conhecida entre os Azande (EVANS-PRITCHARD, 2005). Histórias de apreensões das causas ditas por ‘nós’ como naturais, mas que não são capazes de explicar tudo, como o porquê do celeiro cair em cima das pessoas que estavam naquele momento sentadas embaixo dele, se já estava desgastado pelos cupins e poderia ter caído em qualquer outro momento³. Em relação à oposição entre os ‘nossos’ fatos reais, apreendidos através da visão e da observação, e as explicações mitológicas, Norbert Elias escreveu:

A conveniência da combinação de observação sistemática e reflexão enquanto método para adquirir conhecimentos vantajosos depende do tipo de conhecimento que se considere vantajoso. Onde os indivíduos vivenciam o mundo como uma sociedade de espíritos – e a maioria dos dados sobre o que vale a pena indagar enquanto atos intencionais de agentes vivos – o alvo essencial das descobertas é a aquisição de conhecimento sobre as intenções e propósitos velados nos acontecimentos, os sentidos ocultos que os signos têm para o grupo. Esses, entretanto, não podem ser descobertos com a ajuda dos métodos que chamamos científicos, mas apenas, direta e indiretamente, pela comunicação com o mundo dos espíritos, no qual suas intenções e seus planos, seu caráter e seus objetivos se revelam.”(ELIAS, 1998:191)
- 5 Assim, apontavam-se os limites da nossa explicação científica quando confrontados por outras formas de conhecimento que explicavam o que nossos métodos não eram capazes de explicar. Enquanto se fala de alteridade radical (PEIRANO, 1999) é permitida tal explicação a partir da ‘crença’ de outros e dos ‘símbolos ocultos’ de determinados grupos, no entanto quando se passa para a análise de ‘nossa sociedade’ sem, contudo, apontar para a incrível diversidade contida nela, não se permitem tais crenças e as análises são perpassadas por estereótipos de individualismo⁴.

Pois se a antropologia se desenvolveu buscando estudar outras sociedades de um ponto de vista a elas imanente, uma das dificuldades da disciplina, quando se volta para o estudo da sociedade do observador, parece ser sua incapacidade de manter

simultaneamente o descentramento de perspectiva que sempre a caracterizou e a capacidade de dar conta das variáveis sociais efetivamente estruturantes. Assim, para ser fiel ao primeiro imperativo, busca-se por vezes, na sociedade do analista, fenômenos que apresentem alguma distância ou alteridade em face das forças dominantes.(GOLDMAN, 2003:466)

- 6 Procuram-se os outros internos e mais uma vez evoca-se o distanciamento necessário para o entendimento das ‘variáveis sociais efetivamente estruturantes’, buscando o não envolvimento. Ao mesmo tempo em que muitos antropólogos se permitem mais liberdade ao escrever acerca da ‘sociedade ocidental’ - esta liberdade advém do fato de nos acharmos conhecedores dessa ‘sociedade ocidental’ tão comumente posta sob o mesmo rótulo, mas que abriga ‘sociedades’ incrivelmente distintas em seu interior - falta o “não envolvimento” tido como existente nos estudos dos nossos exóticos.
- 7 Perdi estas prerrogativas e contradições antropológicas, resolvi centrar meu relatório final do PIC em uma pesquisa **bibliográfica**. Ao decidir escrever sobre as representações da morte e como as pessoas lidam com a perda, mantive-me atenta a cada momento em que este assunto era discutido à minha volta. Discutir tais temas na mesa do bar e prestar atenção nas peculiaridades e anedotas que muitas pessoas contam não era mais a mesma coisa e, muitas vezes, cheguei em casa e anotei o que havia sido dito. Os poucos enterros de conhecidos a que fui, depois, também mudaram de perspectiva para mim. O receio de usar tais dados e apontá-los como etnográficos surgiu quando duvidei sobre o limite do eu como pesquisadora e do eu enquanto Maíra (se é que há alguma diferença). Estas vivências se encaixam na legitimidade acadêmica? Outro receio diz respeito à própria crítica, que fiz acima, de me achar por demais livre para falar sobre representações da morte e não delimitar a quem atribuí tais representações.
- 8 Fiquei atenta, assim, aos trabalhos antropológicos sobre o tema da morte, de uma maneira geral. Muitos estudos foram realizados a partir da concepção da morte como evento social, *“como fato social e fenômeno cultural onde os ritos e cerimônias fúnebres organizados pela coletividade podem revelar as mudanças, as permanências e as contradições da sociedade.”* (MORAIS, 2008:1). A morte é vista, então, como desordem, sendo o sepultamento um reordenamento social. É também tratada como um reflexo da visão de mundo que representa a mentalidade de uma época, segundo o historiador Michel Vovelle (1987). A análise perpassa desde estudos clássicos, como os de Philippe Ariés e Norbert Elias, até autores mais contemporâneos, como Mauro Koury e Isabela Moraes. Os dois primeiros realizaram trabalhos sobre esta temática nas décadas de 70 e 80. Também na década de 80, José Carlos Rodrigues defendeu sua tese de doutorado em Antropologia Social, reeditada em 2006 na coleção Antropologia e Saúde e intitulada “Tabu da Morte”. Alguns destes trabalhos analisam o processo histórico das formas de se relacionar com a morte, suas representações e rituais. A escolha desta seleção específica de textos se dá por todos possuírem características comuns e partirem dos mesmos pressupostos teóricos para explicar a chamada ‘ocultação da morte’.
- 9 Norbert Elias (2001) escreveu sobre a solidão dos moribundos e seu isolamento social pela proximidade da morte. Philippe Ariés (2003) analisa o processo da relação das sociedades diante da morte no ‘ocidente’. Mauro Koury (2001) fala sobre a fotografia mortuária e como, aos poucos, esta prática foi sumindo na sociedade brasileira. José Carlos Rodrigues (2006) escreve sobre a construção da morte como tabu e como isso se deu através da individualização e da supervalorização da vida. Isabela Moraes (2007, 2008) estuda, como ela própria chamou, o processo de empresarialização da morte, o consumo de produtos

(jazigos, flores, urnas etc.) e serviços fúnebres (capelas para celebração de velórios, assistência na hora do luto, planos assistenciais funerários, tanatopraxia⁵ etc.).

- 10 Esses trabalhos apontam para a exclusão da morte que representa, segundo os autores, a finitude e a desilusão acerca do mito da imortalidade. Pautados na idéia de estudar a morte para aprofundar a compreensão da própria vida, estes autores analisam a vida a partir das representações da morte e como esta expressa a forma da sociedade lidar com emoções fortes, com o próprio fim e com o banimento da própria idéia de morte. A estratégia agora é *“neutralizar os ritos e ocultar tudo que diga respeito à morte”* (RODRIGUES, 2006:165). A sociedade age com a finalidade de apagar, dissimular e eliminar a morte e os mortos da vida social (MORAIS, 2008). Tanto os moribundos como os enlutados seriam isolados por representarem a morte e, por conseguinte, a própria morte de seus próximos, adquirindo um caráter de contágio. Elias descreve a dificuldade que os parentes dos pacientes terminais têm em lidar com os doentes: *“O crescente tabu da civilização em relação à expressão de sentimentos espontâneos e fortes trava suas línguas e mãos. E os vivos podem, de maneira semiconsciente, sentir que a morte é contagiosa e ameaçadora; afastam-se involuntariamente dos moribundos.”* (ELIAS, 2001:36-37) Koury explica a ausência de fotos dos mortos no mundo contemporâneo:

Com a crescente atomização das relações sociais no Brasil, e a conseqüente privatização da subjetividade, a morte e o culto dos mortos passam por um processo de ocultamento. A dor da perda e o luto caminham para uma desclassificação social. Quando vivenciados e publicizados parecem ter o poder de contaminar o outro, como uma epidemia (KOURY, 2001:88-89).

- 11 Os cemitérios deixam de ser percebidos como locais fúnebres, exercendo a função de dissimular uma realidade: a morte e os mortos. São criados cemitérios-parque que se diferenciam do tradicional modelo de cemitério: simplificados e sem grandes túmulos e sepulturas, caracterizam-se pela proximidade dos jazigos e pelo ideal de ‘otimização do espaço’⁶. Os rituais funerários, como explicam os autores, também parecem perder um certo sentido: *“Os rituais seculares foram esvaziados de sentimento e significado; as formas seculares tradicionais de expressão são pouco convincentes. Os tabus proíbem a excessiva demonstração de sentimentos fortes, embora ela possa acontecer.”* (ELIAS, 2001:36)
- 12 Tudo isso está relacionado ao processo de higienização e medicalização. No que diz respeito aos tratamentos de saúde, os cuidados são transferidos da esfera familiar para os hospitais, e os parentes, desprovidos da capacidade de cura, podem não sentir vontade de lidar em casa com seus doentes. O trato dos cadáveres e sepulturas também é passado para as mãos de empresas privadas. *“Observa-se que numa sociedade de culto ao corpo e da busca pela eterna juventude, um corpo morto abala a representação simbólica que a sociedade estabelece com o corpo humano”* (MORAIS, 2008). O fato é que o processo de medicalização da vida contribuiu para a repulsa em relação à manipulação dos cadáveres. O corpo morto tornou-se intocável e a família já não suporta mais lavar, banhar ou vestir um morto. Esses ritos domésticos tornaram-se dolorosos, pois o que se teme na morte é exatamente o que ela tem de morte (RODRIGUES, 2006: 61).
- 13 Para finalizar este breve panorama acerca dessas teorias, trago aqui um parágrafo da conclusão de Rodrigues, que embora faça uma análise particular mostra o caráter social da morte e a maneira característica dos vivos lidarem com ela a partir de uma representação de poder e controle social:

Tão importante é para o poder o banimento da morte e dos mortos que, em uma sociedade em que tudo se transforma em mercadoria, é significativo que o ‘após morte’ escape a este destino. De fato, após os funerais, o esquecimento de que são

vítimas os mortos fazem deles fracos consumidores: as visitas vão se tornando cada vez mais esparsas e o consumo de que os mortos são responsáveis vai diminuindo com o tempo. É que este próprio esquecimento é condição de funcionamento do sistema: há uma incompatibilidade absoluta entre os valores da economia industrial e a aceitação da morte.”(RODRIGUES, 2006: 246-247)

- 14 A necessidade do distanciamento e da cientificidade faz com que as teorias tomem o que seus ‘objetos’ têm de social, muitas vezes deixando para trás características encontradas na esfera das emoções ‘individuais’. Encarar a morte como uma dimensão do poder e da economia não permite a percepção dos meandros das transformações que o desaparecimento de um ente querido acarreta nas vidas de algumas pessoas. As dinâmicas atuais atribuem à morte diversos significados que antes não lhe eram característicos, como por exemplo a influência das esferas de lutas políticas e econômicas no local de enterro do corpo. Na África do Sul, além de lutar pelas terras, os movimentos políticos reivindicam o direito dos negros serem enterrados em fazendas de brancos. O ritual e os ossos dos ancestrais transformaram-se em documentos e bandeiras de lutas. Aqui no Distrito Federal, os seis cemitérios foram privatizados e estão sob a administração da empresa Campo da Esperança Ltda., que está envolvida em vários processos de investigação de corrupção, para os quais foi criada a CPI dos Ossos. Tais teorias dão conta, de certa forma, desta tendência de politização da morte. Mas essas outras significações não fazem com que ‘as lágrimas sequem’, para usar uma metáfora de Antonádia Borges (2007) em relação a uma das lideranças do LPM (Landless People’s Moviment), da África do Sul, que afirma sempre chorar em velórios, seja de parentes ou de outros em que participou em consequência da atividade da militância. Estes processos econômicos e políticos não destituem o processo de morrer e os rituais funerários das emoções e sentimentos vividos por aqueles que deles participam. Diminuir e ocultar o processo da morte em prol do ‘sistema’ é deixar de lado nuances que a etnografia e a proximidade com as pessoas nos trazem.
- 15 O trabalho de campo etnográfico, realizado no cemitério Campo da Esperança no Dia de Finados, 2 de novembro, nos anos de 2007 e 2008, mostra um pouco desta proximidade com as pessoas de que falei acima. Ao andar pelo cemitério, principalmente nestas áreas-parque (foto 1) - citadas como mais um fator que destituiria a morte de sentido: sem sepulturas, há apenas lápides e lamparinas – percebe-se que para aquelas pessoas a morte tem sentido. Muitas se preparam para este dia: levam várias flores e velas, material de limpeza, cadeiras para se sentar ao redor das lápides (foto 2), enfeites (anjos, vasos), terços, sombrinhas ou guarda-chuvas, fazem camisetas estampadas com fotos de quem já se foi, mandam fazer faixas com mensagens aos mortos. Aquilo que foi descrito como estratégia econômica de ‘otimização’ do espaço é (re)significado por estas pessoas: no lugar onde deveria estar a sepultura, agora há flores delimitando o espaço do corpo faltante (foto 3) ou corações desenhados com pétalas em frente à lápide (foto 4).
- 16 Tais peculiaridades demonstram dimensões que estão além de nossas teorias, carregadas de sentimentos, emoções e humores indizíveis, que Crapanzano colocou como
as dimensões ensombreadas da existência social e cultural que nós, antropólogos, costumamos encontrar, de um jeito ou de outro, e que tendemos a afastar de nosso trabalho ‘sério’, como se embaraçados pelo mistério, pelo perigo e pela iminência, a proximidade do que presumimos ser o irracional ou, no mínimo, o efêmero. (2005: 357)
- 17 A morte parece estar muito próxima desta esfera do mistério, do irracional e do efêmero: *“é difícil encontrar o tom apropriado para recontar o indescritível, o inominável, o que não pode ser*

narrado. Somente alusões e metáforas permitem reviver a morte em seu processo, ao desvendar sua espera” (LEITE 2001: 41). Na linguagem moderna pretensamente racional, é difícil descrever cientificamente esses campos, principalmente quando ligados às expressões de sentimentos intensos, tornando-se mais fácil admitir sua inexistência na ‘sociedade ocidental’.

- 18 Os trabalhos analisados partem de um estudo diacrônico da morte, comparando as representações atuais às do passado, bem como do processo de ocultação da idéia de morte. No entanto, não percebem ou não legitimam as formas de expressão de sentimentos relacionados à morte que as pessoas vivenciam hoje, quando a morte ganha significados econômicos e políticos que ultrapassam o modo tradicional de se lidar com ela, mas não a destituem do sentir, expresso em ações como as descritas acima em relação ao Dia de Finados.
- 19 Ao escrever sobre os limites da linguagem através da análise de um conto, Valéria Martins descreve a nossa dificuldade em lidar com processos que despertam tensões indizíveis:

Ao lidar com a morte, o amor, a violência extrema e outros inomináveis, alguns sentimentos e emoções ainda desconhecidos por estas pessoas passam a existir para elas. Assim, parecemos chegar a dois limites: 1) um, relativo à (não) possibilidade lingüística tanto da pessoa “etnografada” dizer sobre o que passa a existir para ela a partir dessas experiências quanto a do(a) etnógrafo(a) dizer - ou escrever - o que a pessoa “etnografada” (não) disse e, 2) outro, o do questionamento nas ciências sociais sobre o quão pertinente pode ser ouvir um indivíduo sobre seus sentimentos e emoções (além da disposição do cientista social em fazê-lo). O que parece estar acordado é que isso deve ocorrer considerando-se os sentimentos e emoções como aspectos sociais da pessoa, ou seja, tendo em vista que essa pessoa nos interessa na medida em que ela é também (ou somente, nessa perspectiva) social. (MARTINS, 2008: 10)
- 20 Lidar com temas e ‘objetos’ que perpassam essas esferas intangíveis é um desafio para a Antropologia e sua linguagem, pois mostra a importância de estar atento a esferas explicadas pelo ‘mundo dos espíritos’, segundo Elias, presentes nas ‘realidades’ analisadas por nós, mas que muitas vezes escolhemos não mencionar, tanto em estudos sobre as sociedades complexas quanto sobre os ‘outros’ que achamos capazes de compreender: *“talvez fosse preciso (re)configurar uma linguagem antropológica que possa experimentar aproximar-se do que é insondável ou inapreensível no “real”, reconhecendo essa intangibilidade mas ao mesmo tempo tentando, de algum modo, tocá-la.”* (MARTINS, 2008: 10)
- 21 Termino, assim, inspirada pelas palavras de Valéria Martins. Talvez fosse necessário tentarmos alcançar o intangível em nossas etnografias. Para tanto, a observação e a descrição da **cena**, como quer Crapanzano, ou dos **silêncios**, como sugere Martins, dizem muito mais do que a expressão através de palavras. Estar no ambiente e perceber (sentir) o que ele tem a nos dizer torna mais tangível o acesso às pessoas em situações em que as entrevistas não são possíveis. Como sugere o título deste artigo, as flores e as velas no Dia de Finados me disseram muito sobre quem as colocou lá: a maneira como foram colocadas, a quantidade, o cuidado, o preparo e a organização para ir ao cemitério neste dia, falam do sentido (faltante nas obras analisadas) da morte de pessoas próximas para aqueles anônimos.

BIBLIOGRAFIA

- ARIÈS, Philippe. **História da Morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- BORGES, Antonádia. "Mats, blankets, songs and flags: ethnography of the politics of funerals in contemporary South Africa", *no prelo*.
- CRAPANZANO, Vincent. *A cena: lançando sombra sobre o real*. In: **Mana**, Rio de Janeiro, vol. 11, nº 2., 2005: 357-383
- ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- . **Envolvimento e alienação**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- EVANS- PRITCHARD, E.E. **Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- GOLDMAN, Márcio. *Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos. Etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia*. In: **Revista de Antropologia, São Paulo**, vol. 46, nº2., 2003:445-476
- KOURY, Mauro. Você fotografa os seus mortos? In: KOURY, Mauro (org.) **Imagem e Memória: ensaios em Antropologia Visual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2001: 51-94.
- LEITE, Miriam. Morte e Fotografia. In: KOURY, Mauro (org.). **Imagem e Memória: Ensaos em Antropologia Visual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2001: 41-50.
- MARTINS, Valéria. A nomeação do mal: Antropologia, Literatura e os limites da linguagem. In: Reunião da Associação Brasileira de Antropologia, 26, 2008, Porto Seguro, Bahia.
- MORAIS, Isabela. Quando o campo é um espaço privado: o cemitério. In: Reunião Equatorial de Antropologia, 2007, São Cristóvão, Sergipe- Brasil.
- .Significado do corpo e o sentido do consumo fúnebre. In: Reunião Brasileira de Antropologia, 26, 2008, Porto Seguro, Bahia.
- PEIRANO, Mariza. *A Alteridade em Contexto: A Antropologia como Ciência Social no Brasil*. In: **Série Antropologia** 255. Brasília, 1999.
- RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da Morte**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.
- VOVELLE, Michel. Sobre a Morte In: **Ideologias e Mentalidades**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

ANEXOS

ANEXOS :

Foto 1: Áreas parque no cemitério Campo da Esperança. Note-se a proximidade das lápides, a ausência das sepulturas e o uso de lamparinas ao invés de cruzes. (por Luísa Molina)

Foto 2: Pessoas em volta de uma lápide no Dia de Finados, levaram cadeiras de plástico e guarda-chuvas para passar o dia. (por Luísa Molina)

Foto 3: Delimitação do espaço faltante da sepultura com flores. (por Luísa Molina)

Foto 4: Desenho de coração em frente à lápide. (por Luísa Molina)

NOTAS

1. O Campo da Esperança é localizado no final da Asa Sul, local nobre do Distrito Federal; além deste há mais cinco cemitérios no entorno do Plano Piloto. É um cemitério dividido em quadras e bem organizado em setores, possui sepulturas comuns e as recentes áreas parques (que serão explicadas mais adiante), difere, no entanto, dos cemitérios da capital paulista repletos de mausoléus, grandes construções e obras de arte. A estrutura do cemitério pode ser bem representada ao se pensar que ele está em Brasília, de acordo com o projeto arquitetônico modernista da cidade pode-se compreender como o cemitério é dividido em setores e quadras, tal qual a cidade.
  2. A partir da minha entrada na universidade em 2006.
  3. Aqui faço referência à obra clássica de Evans- Pritchard que trata da bruxaria entre os Azande. No caso, esta é uma das famosas passagens do livro que contrapõe a teoria da magia azande e a nossa explicação das causas naturais: quando um celeiro cai num dia de sol em cima de algumas pessoas. Um zande perguntaria por que caiu em cima daquelas pessoas específicas, enquanto ‘nós’ nos contentaríamos com a explicação do desgaste pelos cupins.
  4. A referência ao individualismo aqui tem a ver com as obras que serão discutidas adiante que tratam do processo de negação da morte, imposto pela sociedade atual que gira em torno do indivíduo.
  5. Conjunto de meios técnicos utilizados para a conservação de cadáveres.
  6. As áreas parque faladas acima e que serão exploradas adiante também possuem essas características, como o cemitério Campo da Esperança apresenta essas duas formas de enterro, não é caracterizado como cemitério parque, mas possui tais áreas.
-

AUTOR

MAÍRA CAVALCANTI VALE

Graduanda em Antropologia - Universidade de Brasília (UNB)